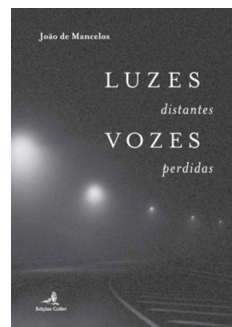


João DE MANCELOS (2019). *Luzes distantes, vozes perdidas*. Lisboa: Edições Colibri, 92 pp.



Ao acabar de ler o livro *Luzes distantes, vozes perdidas*, do escritor e poeta João de Mancelos, senti necessidade de dizer o que penso e sinto sobre esta sua mais recente obra, publicada em finais de 2019, pelas Edições Colibri.

Depois de um verão de raparigas (primeira parte), às quais, se poderia também dar o nome de «casa» (p. 21), entro num lugar (segunda parte) que os bons guardiões da memória (os poetas) me proporcionam, de vez em quando: o lugar sagrado da memória, no qual me deparo com a excelência de tercetos como este «procuro-te, memória»: «no sono e na chuva noturna, / no grito distante dos comboios, / no lado mais frio desta cama» (p. 42).

Tocou-me a voz pungente que o Autor dá a lugares vazios, como, por exemplo, o «lado mais frio desta cama». E é ainda nesta segunda parte do livro, que eu encontro um terceto marcante sobre o «amor de outrora» que já é «apenas uma canção longínqua / numa rua sem saída» (p. 41).

E estes «pássaros invisíveis» (memórias) que, por vezes, são «punhais», voam, em seguida, para um silêncio (terceira parte) que o Poeta não deixa de amar, mesmo «depois de ouvir um pássaro cantar / no teu peito inundado de azul» (p. 47). Um silêncio onde o Grito atinge o auge. Um silêncio que se torna «mais aceso do que o sol» (p. 53). Um silêncio poderoso, estranho, frágil, exausto, que me transportou para uma dimensão da qual não me apetecia sair.

E é com este «ruído branco» de um silêncio pungente, que eu entro na quarta parte desta gratificante caminhada, e me deparo com a beleza de «mãos em concha» que transportam o oceano «[...] cautelosamente, para não tropeçar. / a gota que perder podes ser tu» (p. 57).

Nesta quarta etapa, o Poeta vive momentos tensos de escolhas difíceis: «quem pode escolher, diz-me / se morro ou parto com as gaivotas» (p. 58). Momentos de «ruínas de mim» erguidas pelas «tuas mãos» (p. 60), momentos de «beber o teu lume, boca a boca» (p. 61), momentos de ser barco e árvore «pesada de pássaros / incendiados» (p. 63), momentos de «rumor de mar, silêncio de céu», quando «escuto o teu vestido / descendo a pele» (p. 64), momentos de «inquietação para os dedos / esses pássaros / que hesitam entre voar ou arder» (p. 66).

E o abandono chega, devagar, num beijo reduzido a uma «marca do teu batom num copo» (p. 69), num «quarto duplo para um só» (p. 70), na insónia («desde que me abandonaste, não durmo» (p. 71), no pássaro que não «regressa / ao lugar mais noturno / do teu peito» (p. 72).

E esta visceral e mágica viagem que o Autor nos leva a fazer pelos tempos de outrora e por lugares distantes, culmina com «poemas de lume» (quinta e última parte), em que a própria poesia é questionada, poesia que nos foi dada pelos deuses, apesar de eles não quererem que «fôssemos perfeitos» (p. 75).

E, com esta meta-poesia, que viaja também pela insónia, por silêncios avassaladores («o terrível silêncio de um verso» (p. 77), pelo desassossego («a poesia é um desassossego: / como ser pedra e pássaro / no mesmo céu?») (p. 79), termino este meu já longo comentário, agradecendo a João de Mancelos a beleza e a profundidade universal de *Luzes distantes, vozes perdidas*, e aceitando o desafio que sinto no último terceto desta sua obra: «desce os degraus, / poema a poema, / até ao silêncio.»

Maria João L. G. de Oliveira*

*Licenciada em Filosofia pela Universidade de Coimbra, autora premiada de obras de prosa e de poesia e crítica literária.